

PÓS-MODERNISMO, ADVENTISMO E OS DESAFIOS DA INTEGRAÇÃO: REFLEXÕES SOBRE A INTEGRAÇÃO FÉ E ENSINO NO ESTUDO DA SOCIOLOGIA¹

Lionel Mathew

RESUMO

Neste artigo são discutidos o pós-modernismo, seus antecedentes pré-modernistas e o modernismo. O pós-modernismo é apresentado ao mesmo tempo como um desafio e como um “aliado” da cosmovisão cristã. Algumas questões pós-modernas específicas são identificadas e discutidas, e são explorados os meios para tornar a perspectiva da fé e prática adventista mais atraente para a mente pós-moderna.

PALAVRAS CHAVES: Pós-modernismo; Adventismo; Integração Fé e Ensino; Sociologia.

ABSTRACT

This paper discusses postmodernism, its pre-modern history and modernism. Postmodernism is presented as both a challenge and as an “ally” of the Christian worldview. Some postmodern specific issues are identified and discussed and are explored ways to make the prospect of the Adventist faith and practice more attractive to the postmodern mind.

KEY WORDS: Post-modernism; Adventism; Integration Faith and Teaching; Sociology.

Até então não temos mostrado senão um breve interesse pelo fenômeno do pós-modernismo. Contudo, este fenômeno, ancorado em sua radical construção social da realidade, tem levado o pêndulo sociológico para o extremo do relativismo cultural. Diferente da visão positivista e do foco na busca das leis (ou regularidades) da natureza que marcaram o advento da Sociologia, a disciplina agora opera em um clima intelectual que contrapõe “noções de objetividade e análise científica” (PARILLO, 2002, p. 43).

Assim, o panorama moderno que influenciou o surgimento e desenvolvimento da Sociologia está sendo desafiado e substituído pela mentalidade pós-moderna que rejeita as grandes narrativas. Também conhecidas como metanarrativas, as grandes narrativas são geralmente sistemas de crenças assumidos que proveem explicação e legitimação para um amplo e diverso conjunto de práticas sociais. Com a rejeição pós-moderna das metanarrativas, a fragmentação e a fluidez dos padrões e valores tornaram-se a norma (Ver Tab. 1, para uma comparação entre as posições moderna e pós-moderna).

Inicialmente, os sociólogos reagiram contra a mentalidade pré-moderna que considerava todo e qualquer evento no mundo como estando interconectados uns com os outros, em última instância en-

¹ Este texto, escrito originalmente em inglês e agora publicado em forma de artigo, foi-nos cedido gentilmente pelo autor mediante sua editora, a fim de ser publicado na Revista Formadores. Sua versão original é esta: MATTHEWS, Lionel. Sociology: a Seventh-Day Adventist approach for students and teachers. Berrien Springs (MI): Andrews University Press, 2006, p. 105-113 (cap. 6). Agradecemos à intervenção do Pr. Leonardo Nunes (SALT-IAENE) na gestão dos detalhes com a editora e ao Dr. Júlio César Leal (SALT-IAENE) pela tradução do texto do inglês para o português.

volvendo a Deus. Esta mentalidade pré-moderna via a realidade como “uma rica tapeçaria formada por níveis entretecidos que alcançavam desde a matéria ao corpo, à mente, à alma, ao espírito.” Tratava-se de um mundo fundido, caracterizado pelo que Wilber chama de “O Grande Ninho do Ser” (WILBER, 1998, p. 6).

É desnecessário dizer que essa visão integrada de mundo foi suplantada em grande medida pela visão moderna da “terra plana” (WILBER, 1998, p. 7) que reduziu tudo ao seu aspecto material. Esta visão científica materialista fez uma clara distinção entre as coisas que poderiam ser validadas empiricamente e aquelas que não poderiam. Pensava-se que a realidade existia apenas em um plano sensorial e tudo o mais era uma invenção da imaginação. A ciência empírica, portanto, se tornaria o padrão último para o estudo e validação da realidade.

Tabela 1: Modernismo e Pós-modernismo: um Contraste

Modernismo	Pós-modernismo
Adota o método científico e busca entender a evidência objetiva.	Rejeita a objetividade. Sugere que cada um de nós se desenvolve num contexto de conhecimento local que molda nossa cosmovisão; que as cosmovisões são pouco mais que construções linguísticas; e que somos reflexo de nossa própria época, lugar e cultura.
Aceita as premissas da ciência: 1. O mundo é organizado e estruturado por mecanismos de causa e efeito. 2. Estudando o mundo cientificamente, podemos entender seu equilíbrio e harmonia essenciais.	Vê o mundo como extremamente complexo e caótico; um lugar onde o equilíbrio nunca existiu nem jamais será alcançado.
Defende que a sociedade está arraigada no empírico e que os valores evoluirão rumo a um equilíbrio no qual os indivíduos encontrarão um lugar apropriado.	Sugere que as hierarquias de privilégios e divisões étnicas persistirão; que as normas e valores existem em contextos sociais, só podendo ser julgados ou entendidos em tais contextos; que a chamada ciência objetiva plasmada nas obras dos cientistas deve ser entendida observando-se como a experiência e formação social do autor o levou àquela construção.
Sustenta que a natureza deve ser explorada racionalmente para criar um ambiente destinado aos seres humanos.	Sugere que o ambiente tem sido usado para satisfazer a ganância de um hiperdesenvolvimento míope e imediatista; que a tecnologia atual está se desenvolvendo por conta própria, sem muita direção; que certos interesses têm posto os povos tradicionais e suas leis em perigo e que os arranjos sociais vigentes estão obsoletos.

Crê que a intimidade e o apoio mútuo serão melhorados por meio do progresso; e que a tecnologia permitirá que as pessoas tenham mais tempo para tornar melhores as suas famílias e a sua disposição íntima.	Chama a atenção para três coisas: <ol style="list-style-type: none"> 1. As ocupações pós-industriais têm afastado do lar tanto o pai como a mãe. 2. A tecnologia permite simular intimidade oferecendo intimidade em “tempo-real”. 3. Símbolos, celebridades e suas imagens substituirão a “realidade” e desenvolverão mais o consumismo de massa como um modo de vida.
Oferece uma narrativa-mestra do progresso por meio da ciência e da tecnologia.	Tende a ser cético frente ao progresso, a ter reações antitecnológicas, e a abraçar a religião da nova era.
Cria um senso de eu unificado e centrado; “individualismo”; identidade unificada.	Apresenta a imagem de um eu fragmentado e descentrado; múltiplo, com identidades conflitantes.
Vê “a família” como a unidade central na ordem social e, como modelo, a classe média e a família nuclear.	Destaca a nova realidade dos modelos alternativos de família, das alternativas existentes aos casamentos de classe média e das identidades múltiplas para relacionamentos amorosos e criação de filhos.
Vê a hierarquia, a ordem e o controle centralizado como recursos básicos.	Apresenta a subversão da ordem, a perda do controle centralizado e a fragmentação como uma nova realidade.
Mantém a fé e o investimento pessoal em políticas macro (partido nacional).	Mantém a confiança e o investimento em micropolíticas; identifica políticas, políticas locais, lutas por poder institucional.

Fonte: Adaptado de Parillo (2002, p. 44)

A Igreja Adventista do Sétimo Dia (IASD) – na verdade toda a cristandade em suas diversas manifestações no Ocidente –, embora criada neste clima de modernismo, sempre teve um padrão paralelo, não-empírico, último próprio. Portanto, o desafio têm sido sempre o de encontrar os pontos de convergência entre disciplinas tais como a Sociologia, que abraçam o cânon da validação científica, e as que, partindo de uma perspectiva de fé, não apelam para tal legitimação. Todavia, o desafio nunca foi tão difícil de transpor, apesar da natureza dicotômica das premissas básicas presentes nas cosmovisões cristã e científica tal como elas são concebidas dentro do projeto modernista.

Apesar de o modernismo, com seu foco empiricista, atenuar a dimensão não-experimental como fonte da realidade; pelo fato de assumir a existência de uma realidade objetiva no mundo “lá fora”, ele tornou-a acessível à lógica cristã a qual concebe um Deus transcendente, objetivo e independente da construção humana. A cosmovisão cristã e a cosmovisão modernista, portanto, parecem encaixar-se, ao menos em seu reconhecimento comum de uma realidade objetiva (embora para o modernismo isto

esteja apenas no plano sensorial). Assim, embora o relacionamento entre modernismo e cristianismo não seja algo fácil, há alguma base para a integração.

Contudo, o desafio da integração parece menos manejável à luz dos pressupostos pós-modernos. O pós-modernismo não apenas acaba com os padrões transcendentais, mas nega terminantemente que a realidade objetiva exista. A realidade não é outra coisa senão aquilo que as pessoas percebem que ela é. É local, provisória e tentativa. Seguindo essa lógica, se de fato não existe nenhum ponto último de referência, então não apenas a religião como também o projeto pós-moderno em si são subvertidos, não sendo nenhum deles nem mais nem menos válido que uma construção mítica. No entanto, apesar do descompromisso do pós-modernismo para com a verdade objetiva, podemos valer-nos dele para facilitar discussões sobre o crescimento nacional, a diversidade étnica e de classe dentro do cristianismo e em particular entre os adventistas do sétimo dia.

Os pós-modernistas atribuem igual valor às variadas formas de viver das pessoas. Assim, não apenas legitimam o pluralismo cultural, mas também desafiam cristãos de diferentes origens étnicas e culturais a procurarem modos de entenderem-se entre si. Esta postura não-preferencial de afirmação pós-moderna encerra uma promessa de harmonia face à natureza cosmopolita do desenvolvimento experimentado pela IASD num momento histórico em que o significado de ser adventista é mais fragmentado do que nunca.

As contradições transculturais representadas por esta diversidade crescente dentro da igreja pode trazer a ameaça de frustração e desilusão, mas olhar através das lentes do pós-modernista “imparcial” pode aliviar a tensão. De modo especial, pode-se permitir que o espírito de compromisso e tolerância facilite o diálogo e o entendimento. Ser pós-moderno desse jeito não significa um abandono temporário dos princípios bíblicos. Isso, na verdade, equivale a um chamado para os cristãos (tanto adventistas do sétimo dia como os não-adventistas) de diferentes origens culturais serem reflexivos, ou seja, a terem humildade para apreciar o ponto de vista do outro. Essa disposição para entender a realidade particular dos outros, a partir do ponto de vista dos outros, coincide com a atitude e disposição paulinas em ser “tudo para com todos, com o fim de [...] salvar alguns” (I Cor. 9:19-23).

Embora a adesão à ética paulina, de sensibilidade social, deva aprofundar nossa capacidade individual e coletiva para apreciar e viver pacificamente com pessoas de diferentes orientações e valores culturais, também somos instados à necessidade de mostrar para a cultura pós-moderna a relevância da cosmovisão e estilo de vida da igreja. Na medida em que formos capazes de fazer isso, determinaremos em grande parte a nossa habilidade para facilitar a integração fé-ensino no contexto pós-moderno.

Parece aplicável aqui o argumento de Grenz (1996) referente ao modo como o evangelho se encaixa e se articula com a situação pós-moderna. Ele sugere que a situação pós-moderna requer que o evangelho seja pós-individual, pós-racional, pós-dualístico e pós-noeticêntrico (o que explicaremos mais tarde). Essa abordagem, segundo ele, só pode tornar o evangelho mais compreensível à mente pós-moderna. O argumento de Grenz é um tanto imperativo; se o aplicarmos ao evangelho em sua expres-

são adventista do sétimo dia, a conclusão é que poderíamos tornar o evangelho muito mais relevante e aceitável para o jeito atual de se pensar. Embora essas questões estejam afinadas com a mentalidade pós-moderna, elas também são profundamente bíblicas. Examinemos cada uma delas por vez.

PÓS-INDIVIDUALISMO

O pós-individualismo não deveria ser considerado como um meio de as pessoas perderem seu senso de individualidade com o advento do pós-modernismo ou que elas deveriam ser estimuladas a abandonar essa consciência. De fato, isto seria o contrário da visão bíblica, porque Deus tem especial consideração pelo indivíduo (ver João 3:16; Lucas 15) e adverte que cada pessoa deverá comparecer ao juízo para prestar contas (Mat. 12:36). A ênfase aqui recai sobre a valorização, em pé de igualdade, de pessoas e culturas, por parte dos pós-modernistas, o que equivale à máxima de Pedro segundo a qual “em qualquer nação, aquele que teme ao Senhor e faz o que é justo é aceitável”; e Paulo nos lembra de que todos nós somos filhos de Deus (Rom. 8:16).

Embora na posição pós-modernista a individualidade em si não seja ignorada, suspeita-se do indivíduo autônomo, emancipado, independente, que cria a si mesmo. Portanto, aqueles líderes que enfatizarem a hierarquia do poder, às expensas da igualdade entre eles e seus seguidores, logo podem exercer sobre estes uma influência cada vez menor. A história da confiança traída na veneração do indivíduo se vê amplamente exemplificada nas vidas de Hitler e Stalin e, mais recentemente, nos exemplos de Jim Jones e David Koresh. O culto ao indivíduo ou qualquer coisa que sugira isso não representa, portanto, uma imagem positiva para a cultura pós-moderna. Se algo essa cultura prefere como lema é a noção do indivíduo-em-comunidade. Assim, o que quer que tire o indivíduo do foco de luz e promova o coletivo deveria ser de fácil aceitação para a mente pós-moderna. Da mesma forma, onde quer que os Adventistas do Sétimo Dia enfatizarem o indivíduo e negligenciarem a comunidade, isso só poderá minar o seu poder de atração perante esta geração e, assim, estorvar suas chances de facilitar a integração. Isso é verdade no que se refere à liturgia da igreja, ao seu funcionamento em geral e aos modelos educacionais que ela adota.

PÓS-RACIONALISMO

O pós-racionalismo também deve ser entendido em seu contexto. O pós-racionalismo não sugere que os cristãos abandonem a razão para facilitar sua integração entre fé e ensino. O pedido de Deus para exercermos fé nEle a fim de agradá-Lo (Heb. 11:6) não é menos importante que o Seu convite para que arrazoemos com Ele (Isa. 1:8). Os adventistas do sétimo dia, assim como os adeptos de outras expressões da fé cristã, devem reconhecer em sua prática social que a fé e a razão não são necessariamente entidades antitéticas.

Segundo a ideia de Grenz, o pós-racionalismo contrasta com a variante do pensamento racional defendida pelos pensadores iluministas. Tal racionalidade se baseia em última instância na lógica empírica que Weber chamou de “Zweck-racionalidade”² ou racionalidade com ênfase na eficiência em excluir outros fatores (ver PERDUE, 1986, p. 382). Habermas (1968) refere-se a isso como “racionalidade instrumental” (p. 111) e argumenta que tal racionalidade radica na “consciência tecnocrática”, uma forma de consciência que não promove o bem-estar do todo; que se rende facilmente ao processo dos resultados e fracassa em entender o fato menos óbvio de que “os fins pré-existem nos meios” (KING, 1963, p. 95).

A escola adventista do sétimo dia, por exemplo, ao lançar mão do *insight* da ética pós-racional, integrará, portanto, essa operação equilibrando meios e fins, de modo a reconhecer as relações recíprocas entre ambos. Evitará a tentação da “filosofia do sucesso a qualquer custo”, selecionando cuidadosamente seus métodos de ação, ciente de que o espírito e princípios que caracterizam a escolha de seus métodos serão reproduzidos também nos resultados comportamentais e institucionais alcançados. À medida que as escolas adventistas do sétimo dia procuram ajudar a organização eclesiástica como um todo na realização de sua missão e metas no mundo pós-moderno, esta abordagem política integrada se tornará cada vez mais necessária. Enquanto essa abordagem apela à mentalidade pós-moderna, também lança mão da sabedoria do princípio implícito em Gálatas 6:7, segundo o qual os meios se reproduzem nos resultados (colhemos aquilo que semeamos). Não podemos colher aveia a menos que tenhamos plantado aveia. Semelhantemente, meios corruptos não podem produzir outra coisa senão resultados corrompidos. As instituições que falharem em reconhecer este princípio em sua forma de agir estão fadadas a obter ganhos invertidos.

PÓS-DUALISMO

O dualismo cartesiano mente-corpo é uma forma de oposição ao posicionamento bíblico. Portanto, de muitas maneiras, esta posição filosófica é rejeitada pela Igreja Adventista do Sétimo Dia, que adota uma visão holística do ser humano.³

² Nota do Tradutor: O autor se refere ao conceito weberiano de “racionalidade teleológica”, ou seja, de fins que funcionam como meios para alcançar outros fins. Trata-se de uma noção oposta à de valores ou “fins últimos” (racionalidade deontológica ou propriamente ética).

³ Nota do Tradutor: Os conceitos de “visão holística” e de “educação holística” têm diferentes matizes, mas, via de regra, se associam a um movimento humanista (e às vezes espiritualista) que se opõe ao cartesianismo, ao tecnicismo, ao empiricismo, e, por conseguinte, também indiretamente a uma visão teocêntrica da vida e do homem. Entre os expoentes no estudo da “Educação Holística” está o americano R. Miller que – em sintonia com Rousseau, Pestalozzi, Froebel, Montessori, Steiner, Jung, Krishnamurti, Maslow, Rogers, J. Miller e tantos outros – sustenta a convicção comum de que a personalidade global de cada criança deve ser considerada no processo educativo. Não só o intelecto racional e as responsabilidades de vocação e cidadania são consideradas, mas também os aspectos físicos, emocionais, sociais, estéticos, criativos, intuitivos e espirituais inatos da natureza do ser humano. Advertimos, porém, que, em se tratando de educação adventista, no Brasil fala-se de “educação integral” mais que em “educação holística” a fim de destacar certas peculiaridades da filosofia da educação adventista, sobretudo aquelas relacionadas ao reconhecimento da figura de Deus como criador do ser humano e da Bíblia como autoridade na definição da condição e papel do homem neste mundo. Não obstante, em toda esta tradução, manteremos “holístico”, literalmente, com a ressalva feita supra, a fim de respeitar a opção terminológica do autor.

Mente e corpo, assim como corpo e alma, não são entidades distintas e separadas; elas são em realidade aspectos mutuamente inclusivos da pessoa humana.

Em lugar algum esta visão é melhor expressa que na postura da Igreja Adventista do Sétimo Dia em relação ao estado dos mortos. Nela, não se considera a alma como estando separada do corpo, mas como o resultado da interação conjunta de espírito e corpo. Os adventistas do sétimo dia ensinam que na morte a consciência humana cessa, uma vez que o fôlego de vida (o espírito) precisa da mediação do corpo para que a consciência humana seja possível (Ecl. 9: 10; Gên. 2: 7). É possível identificar esta mesma visão holística da vida em outras áreas dos ensinamentos dos adventistas do sétimo dia. Por exemplo, Ellen White (1903) apreende esta posição teológica ao mencionar que a obra da educação e da redenção é uma única obra, e que a verdadeira educação compreende o desenvolvimento harmônico das faculdades mentais, físicas e espirituais. Não obstante esses exemplos, o agir cotidiano da Igreja Adventista do Sétimo Dia às vezes demonstra tendências ao dualismo.

Um exemplo disto é a diferenciação feita por seus servidores ao determinarem como a renda do dízimo é alocada. O trabalho dos pastores e obreiros bíblicos é considerado sagrado e pode ser integralmente custeado pelos dízimos, enquanto que o trabalho daqueles que estão vinculados ao ambiente secular, a exemplo dos cientistas naturais e sociais ou professores de humanidades, pode não ser custeado desse modo. E continua sendo assim, mesmo quando esses “outros” trabalhos/trabalhadores estão totalmente vinculados às várias instituições da igreja. Conseqüentemente, alguns têm chegado a associar o chamado de Deus para o serviço no ministério evangelístico como uma referência *apenas* ao ministério pastoral ou a papéis associados a este, tais como o de obreiro bíblico.

Embora a igreja precise enfatizar a diferença entre a realidade de Deus e a realidade humano/social, qualquer prática da igreja que venha a solapar a natureza holística dos seres humanos e a realidade operativa a ela associada não pode senão sabotar a confiança e a lealdade da mente pós-moderna. Por esta razão, onde quer que o holismo seja enfatizado entre os adventistas do sétimo dia, isto deveria ser encorajado; posições que tendem ao dualismo, como a que estabelece uma dicotomia entre o espiritual e o social, deveriam ser atenuadas. A visão de João segundo a qual nós não podemos amar a Deus verdadeiramente e, ao mesmo tempo, estar em discórdia com nossos irmãos (I Jo. 4:20) nos ajuda a entender a natureza mutuamente inclusiva do social e do espiritual. Como já foi sugerido antes, esta é a pedra angular sobre a qual se fundamenta a encarnação – Deus realizando-Se e tornando-Se pleno no contexto humano. Além disso, um dualismo espiritual/social produz uma hipocrisia que permite desconectar o nosso amor a Deus do nosso amor para com os nossos semelhantes. Parece que é com base nisso que algumas pessoas são capazes de explorar, desumanizar e às vezes até mesmo matar a outras e ao mesmo tempo manter aquilo que acreditam ser um relacionamento intacto com Deus.

PÓS-NOETICENTRISMO

A raiz da palavra “noeticentrismo” vem de seu equivalente grego “*noetikas*” que significa “intelectual”. Uma religião noeticêntrica, portanto, é a que enfatiza o intelecto excluindo a ação; as instituições educacionais são também altamente propensas a cometer esse pecado. Todavia, uma religião pós-noeticêntrica busca combinar o cultivo do conhecimento com uma postura voltada para a ação. Embora valorize o conhecimento, evita uma fixação sobre o mero conhecimento empírico. Embora pretenda uma práxis genuína, combinando teoria e ação, considera a habitação do Espírito Santo como uma fonte de conhecimento base (teoria) por cujo intermédio a ação é conduzida. É a religião verdadeiramente bíblica, conhecida pelos seus frutos (Mat. 7:20) e sustentada pelo Espírito (Rom. 8:14).

Se a integração fé e ensino por meio da Sociologia for eficaz em ajudar no processo de transformação em Jesus, deverá transcender o nível conceitual. Neste sentido, o fator mais poderoso da integração são os próprios professores e estudantes de Sociologia. O que está faltando não é tanto teorias e modelos conceituais quanto exemplos reais de vida. Professores e estudantes integrados, cujas vidas sejam a personificação dos próprios princípios bíblicos que eles desejam transmitir e ilustrar por meio de seus ensinamentos e conhecimentos, proveem o testemunho mais convincente da possibilidade de integração fé e ensino.

REFERÊNCIAS

- GRENZ, S. J. **A primer on postmodernism**. Grand Rapids, MI: Wm. B. Eerdmans, 1996.
- HABERMAS, J. **Toward a rational society**. Boston: Beacon: 1968.
- KING Jr., M. L. **Strength to love**. New York: Harper & Row, 1963.
- PARRILLO, V. N. **Contemporary social problems**. 5. ed. Boston: Allyn and Bacon, 2002.
- PERDUE, W. D. **Sociological theory: explanation, paradigm, and ideology**. Palo Alto, CA: Mayfield, 1986.
- WHITE, E. G. **Education**. Hagerstown, MD: Review and Herald, 1903.
- WILBER, K. **The marriage of sense and soul: integrating science and religion**. New York: Random House, 1998.